

IMPACTOS DA AUSÊNCIA PATERNA NA CONSTITUIÇÃO DOS JOVENS ENQUANTO SUJEITO
IMPACTS OF PATERNAL ABSENCE ON THE CONSTITUTION OF YOUNG PEOPLE AS SUBJECTS

Isabela de Souza Bonaza Cipriano¹

Pedro Machado Ribeiro Neto²

RESUMO: Esta pesquisa traz reflexões acerca do papel da paternidade no âmbito do desenvolvimento humano e como jovens que não tiveram e não tem a presença do pai afetiva ou fisicamente lidam com isso em questões emocionais, sociais, cognitivas e psicológicas. Houve-se cuidado ao buscar fontes que não minimizassem o papel das mães solas na sociedade, o foco é analisar e atrair a atenção para o tema problematizando o impacto da falta do pai. É importante destacar que na psicanálise, a figura paterna trata-se de um papel simbólico, ou seja, uma função. O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar quais os impactos da ausência paterna na constituição da vida dos sujeitos e, para isso, foi necessário conhecer a história da vida de cada um desses jovens e suas percepções acerca das relações parentais, problematizando os impactos dos processos de socialização e como se relacionam com os pares, além de identificar de que modo a falta do pai pôde ser a causa dessas vivências. Tratou-se de um estudo qualitativo, exploratório e com amostra de 10 sujeitos, entre 18 e 27 anos, que vivenciaram a ausência paterna em seu desenvolvimento, as entrevistas foram conduzidas por quatro perguntas semiestruturadas, nas quais o conteúdo foi organizado, categorizado e analisado. Todos os participantes abordam sobre o contexto em que a ausência paterna se apresentou em suas vidas e de que modo acarretou outros problemas danosos à saúde mental, tais como a depressão, ansiedade, sobrecarga, baixa autoestima, impotência, insuficiência, culpa e trauma.

Palavras-chave: Ausência paterna; Desenvolvimento humano; Juventude; Socialização.

ABSTRACT: This research reflects on the role of paternity in human development and how young people who have not had or do not have the presence of a father affectively or physically deal with this in emotional, social, cognitive, and psychological terms. Care has been taken to seek out sources that do not minimize the role of solo mothers in society; the focus is on analyzing and drawing attention to the issue by problematizing the impact of the lack of a father. It is important to note that in psychoanalysis, the father figure has a symbolic role, in other words, a function. The general aim of this research was to analyze the impact of the absence of a father on the constitution of the subjects' lives. To do this, it was necessary to learn about the life history of each of these young people and their perceptions of parental relationships, problematizing the impacts of socialization processes and how they

¹ Centro Universitário Salesiano - Unisales. Vitória/ES, Brasil. isabelacipriano1006@gmail.com

² Centro Universitário Salesiano - Unisales. Vitória/ES, Brasil. mrn.pedro@gmail.com

relate to their peers, as well as identifying how the absence of a father could be the cause of these experiences. This was a qualitative, exploratory study with a sample of 10 subjects, aged between 18 and 27, who had experienced paternal absence in their development. The interviews were conducted using four semi-structured questions, in which the content was organized, categorized, and analyzed. All the participants talked about the context in which paternal absence had occurred their lives and how it had led to other harmful mental health problems, such as depression, anxiety, overload, low self-esteem, impotence, insufficiency, guilt, and trauma.

Keywords: Paternal absence; Human development; Youth; Socialization.

1 INTRODUÇÃO

Estatisticamente, a ausência paterna nos registros de nascimento tem aumentado no Brasil. Isso porque não há levantamento dos casos em que o pai é ausente afetivamente, ou até mesmo fisicamente, mas tem o nome no registro.

De acordo com o levantamento da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), em 2020, 6,31% das 1.280.514 crianças que nasceram foram registradas apenas com o nome das mães nas certidões de nascimento (TV UFMA, 2022).

A reflexão acerca do papel da paternidade no âmbito do desenvolvimento humano, bem como foi a infância dos jovens que não tiveram e não tem a presença do pai afetiva ou fisicamente e como atualmente lidam com isso em questões emocionais, sociais, cognitivas e psicológicas é de extrema importância.

Atualmente, centenas de pessoas no Brasil compartilham do mesmo fator, a ausência paterna. A Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) em seu Portal da Transparência (2021) indicam um aumento no percentual do índice de abandono paterno desde 2016, que chegavam cerca de 5% – com exceção de 2017 com uma taxa de 3% - e no ano de 2022, após a pandemia, foi para 6%. Fato este que desencadeia sentimentos de abandono e insegurança para as crianças, além de sobrecarregar as mães no desempenho desse papel, resultando em consequências que precisam ser identificadas e abordadas como objeto de estudo.

Houve-se cuidado ao buscar fontes que não minimizassem o papel das mães solas na sociedade, o objetivo é analisar e atrair a atenção para o tema problematizando a falta do pai. Na psicanálise, quando se fala de pai, trata-se de um papel simbólico, ou seja, uma função e, com isso, o seguinte trabalho apontará quais os impactos da ausência paterna na constituição e construção da subjetividade na vida dos jovens.

Em estudo realizado por Souza (2002) no Brasil, a autora identificou temas referentes à desumanização, preconceito, estigma, solidão, humilhação, pobreza e desamparo, aspectos que apontaram para uma vivência negativa da maternidade solitária. Endossando essas percepções, Ferrari (2001) examinou as implicações da ausência paterna nas expectativas e nos sentimentos sobre a maternidade de mães solteiras e constatou que a experiência delas foi mais sofrida do que a das mães que tinham apoio físico e afetivo dos pais, pois expuseram sentimentos de tristeza, ansiedade e revolta, fatores estes que podem influenciar na saúde e no desenvolvimento infantil.

Conforme Ogaki e Sei (2015), para Winnicott, o pai surge essencialmente como um terceiro na constituição familiar entre mãe e filho, introduzindo a lei, inserindo a criança

no social, e tendo centralidade na estruturação da personalidade. “Winnicott (1990) ainda entende que o pai já está presente na vida do filho antes desse período, tendo diferentes funções ao longo do processo de amadurecimento pessoal da criança” (Silva e Stamato, 2016, p. 151).

Em seu livro “A invenção do psicológico”, Figueiredo (1994) afirma que o campo de experiências do sujeito é composto pela existência psicológica e a percepção de si como ente subjetivo, além de que essa instância de subjetividade nasce dos acontecimentos sociais que dão condições históricas para o nascimento do sujeito psicológico. Sendo que a subjetividade é o espaço íntimo de cada indivíduo, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar quais os impactos da ausência paterna na constituição da vida dos sujeitos e, para isso, é necessário conhecer a história de vida de cada um desses jovens e suas percepções acerca das relações parentais, além de problematizar os impactos dos processos de socialização primária e secundária na vida de cada um e como se relacionam com os pares, bem como identificar de que modo a falta do pai pode ser a causa dessas vivências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A FUNÇÃO PATERNA

É pressuposto da teoria psicanalítica o papel estruturante do pai e a interligação entre as funções maternas e paternas irá permear a concepção teórica winnicottiana a respeito do que é esperado do pai como ambiente facilitador do desenvolvimento do filho. A teoria de D. W. Winnicott enfatiza o pai como um terceiro na relação mãe-filho, pois sua obra enfoca a mãe desde a concepção como papel principal no desenvolvimento do filho, porém não deixa de abordar a importância do pai nessa dinâmica familiar. A cada fase em que a mãe entra com o bebê, o pai é colocado como o apoio externo que a mãe necessita. Conforme Winnicott (1964/1999), os homens “são boas mães substitutas, o que é um alívio quando a mãe tem muitos filhos, ou quando ela adocece, ou quando elas querem voltar a trabalhar”.

O objetivo é minimizar o efeito perturbador de situações externas potencialmente inquietantes ou exaustivas para a mãe, de forma a evitar intrusões físicas e mentais no delicado processo de regressão que ela experimenta (Santos, Barbieri, Dos Santos, 2021, p.115).

A presença paterna auxilia não só a mãe nesse processo, mas também vem como um agente catalisador para a criança da passagem do mundo familiar para a sociedade no momento de desilusão vivenciado por ela pelo processo de integração da sua individualidade. Tal catalisação advém da formulação instituída por Freud no século XIX como Complexo de Édipo, esse fenômeno é o momento crucial da constituição do sujeito para a teoria psicanalítica. Em seu trabalho Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, Freud (1910) diz que “na maioria dos seres humanos, tanto hoje como nos tempos primitivos, a necessidade de se apoiar numa autoridade de qualquer espécie é tão imperativa que seu mundo desmorona se essa autoridade é ameaçada” (p. 69).

Portanto, quando o pai não está nessa dinâmica familiar e se ausenta, gerando essa sobrecarga para a mãe, Ribeiro (2014) afirma:

Em alguns casos, o pai chega a ausentar-se definitivamente, pois não reconhece aquela situação familiar como uma escolha pessoal [...]. Assim, a mãe sofre um abandono no meio do caminho e também pode, nessas circunstâncias, requerer o crescimento rápido do bebê, pois o ambiente de ambos sofreu uma alteração na própria constituição. A mãe mesma precisa encontrar soluções para a sua nova realidade, desprovida agora do apoio paterno. [...] Comumente, a sobrecarga da mãe pela falha paterna dificulta sua identificação com o filho (p.122).

Corneau (1991) acredita que as crianças que sentem o pai próximo e presente sentem-se mais seguras em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais. Ferrari (1999) traz que a ausência do pai desencadeia um vazio nas crianças, gerando uma grande desvalorização de si mesmas formada pela noção de que não são amadas pelo genitor e, além disso, há um sentimento de culpa por nascerem. Reações como tristeza, melancolia, agressividade e raiva também são colocadas pelo autor como consequências dessa ausência.

2.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO: AS INFLUÊNCIAS DO PAI NOS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

O campo do desenvolvimento humano é descrito por Diane E. Papalia (2022) como um estudo científico dos processos de transformação e estabilidade, no qual observam como ocorre o ciclo de vida humano desde a concepção até a maturidade. Há três principais domínios estudados: o desenvolvimento físico, que abrange todo crescimento do corpo e do cérebro, capacidades sensoriais, habilidades motoras e saúde; O cognitivo, que compõe a aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade; E o desenvolvimento psicossocial que a autora fundamenta como a combinação entre o desenvolvimento da personalidade³ e as relações sociais. Ao discorrer sobre o desenvolvimento psicossocial, será enfatizado as influências do pai desde os primeiros anos até a juventude. “Esses modos característicos de sentir, pensar e agir, que refletem influências tanto inatas quanto ambientais, afetam a maneira como a criança responde aos outros e se adapta ao seu mundo” (Papalia, 2022, p. 159).

Nos três primeiros anos de vida, também chamado de primeira infância, Papalia (2022) afirma que o bem-estar, o desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança está diretamente relacionado ao envolvimento positivo e frequente do pai com seu filho. Na segunda infância, a criança desenvolve o autoconceito, definido como senso de identidade ou um conjunto de sistema de representações descritivas e avaliativas de nós mesmos. Nesta fase, os pais deverão ensinar quais comportamentos funcionam bem em sociedade e uma forma é a disciplina, que “refere-se aos métodos de moldar o caráter e ensinar autocontrole e comportamento aceitável” (Papalia, 2022, p. 245).

Na terceira infância, à medida que as crianças formam autoconceitos amplos e inclusivos, os julgamentos sobre si mesmas tornam-se mais conscientes e realistas, tendo mais tolerância e equilíbrio em vários aspectos da identidade. Neste momento, “o clima familiar é uma influência crucial no desenvolvimento” (Papalia, 2022, p. 295).

³ Combinação relativamente consistente de emoções, temperamento, pensamentos e comportamentos que torna uma pessoa única.

A teoria de Bronfenbrenner prevê que os níveis mais amplos de influência formam o ambiente familiar e conseqüentemente o desenvolvimento da criança. Esse ambiente inclui a estrutura familiar, que:

Em igualdade de circunstâncias, as crianças tendem a se desenvolver melhor em famílias com dois pais que permanecem casados do que em famílias em coabitação, divorciadas, de pai ou mãe solteiros ou segundas famílias (Brown, 2010 *apud* Papalia, 2022, p. 299).

Outro ponto a ser destacado é um comparativo referenciado por Papalia (2022) afirmando que crianças em famílias monoparentais tendem a ficar atrás de seus pares em questões sociais e educacionais e que, a idade e o nível de desenvolvimento, o financeiro da família, o fato de haver ou não mudanças de moradia e o envolvimento com o pai não residente fazem diferença.

Na adolescência, Erik Erikson (1968) dizia que há uma principal tarefa para os adolescentes, confrontar a crise de identidade *versus* confusão de identidade. Este é o quinto estágio do desenvolvimento psicossocial de Erikson, no qual o adolescente procura desenvolver uma percepção coerente de si e, ao mesmo tempo, qual é o papel que ele precisa desempenhar na sociedade.

“A luta do adolescente por autonomia e identidade pessoal é definida como individuação, um aspecto importante desse processo é a criação de fronteiras de controle entre si e os pais” (Nucci et al., 2005 *apud* Papalia, 2022). Cui, Conger, & Lorenz (2005 *apud* Papalia, 2022) afirmam que o conflito no clima e na estrutura familiar pode afetar o processo de individuação e que mudanças no sofrimento ou conflito conjugal são preditoras de mudanças no ajustamento dos adolescentes. Um estudo realizado por Scott, Booth, King, & Johnson (2007 *apud* Papalia, 2022) adolescentes informavam 48% das vezes ter uma relação mais próxima com o pai quando os pais permaneciam casados, enquanto outros adolescentes tinham 25% de proximidade com o pai quando os pais haviam se divorciado. “O envolvimento de um pai não residente ajuda muito, mas não tanto quanto o envolvimento de um pai que vive na mesma casa” (Carlson, 2006 *apud* Papalia, 2022).

Papalia (2022) afirma que antes de assumir os papéis e as responsabilidades da vida adulta, muitos jovens fazem da adultez emergente um tempo de experimentação. Erikson (1968) considera a busca por identidade uma tarefa para a vida toda e a adultez emergente permite aos jovens a liberdade de experimentar vários papéis e estilos de vida.

A busca da autonomia iniciada na adolescência percorre por essa juventude e precisa ser concluída. Conforme isso acontece, a redefinição do relacionamento com os pais também é iniciada e passa a ser um relacionamento entre adultos. Aquilino (2006 *apud* Papalia, 2022) afirma que “pais que são incapazes de reconhecer essa mudança podem retardar o desenvolvimento dos seus filhos”. Mesmo que adultos emergentes não sejam mais crianças, ainda precisam dos pais como influência nos relacionamentos, se beneficiando de aceitação, empatia e apoio. Nelson, Padilla-Walker, & Nielson (2015 *apud* Papalia, 2022) enfatizam que pais envolvidos, afetuosos e amorosos desenvolvem filhos com níveis elevados de autovalorização. Além de que “relações positivas entre pais e filhos no início da adolescência predizem relacionamentos mais afetuosos e menos conflitantes com ambos os pais quando os filhos chegam aos 26 anos” (Belsky et al., 2001 *apud* Papalia, 2022, p. 414).

2.3 PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Ao nascer, as crianças automaticamente inserem-se num contexto grupal onde cada indivíduo segue uma norma ou padrão que tem sido desenvolvido pela sociedade. Lane (2006) afirma que são estas normas que caracterizam os papéis sociais, dando a responsabilidade ao pai e a mãe de, ao se relacionarem com seus filhos como homem e mulher, inseri-los.

O viver em grupos permite o confronto entre as pessoas e cada um vai construindo o seu "eu" neste processo de interação, através de constatações de diferenças e semelhanças entre nós e os outros. É neste processo que desenvolvemos a individualidade, a nossa identidade social e a consciência-de-si-mesmo (Lane, 2006, p. 16).

O primeiro processo social da vida de um sujeito é a família, dentro dessa instituição há leis, normas e costumes que definem direitos e deveres a quem está inserido, Lane (2006) traz que essa estrutura “é necessária para a manutenção e reprodução das relações sociais.” (p.41) Esse primeiro contato com o mundo é limitado e dependente, então o sujeito se desenvolve dentro de apenas um mundo possível, tendo as visões de mundo e de valores de quem está inserido no seu contexto. “Esta visão única do mundo e de um sistema de valores só irá ser confrontada no processo de socialização secundária, isto é, através da escolarização e profissionalização.” (Lane, 2006, p. 44)

No processo de socialização secundária, o sujeito encontrará outras visões de mundo e refletirá se aquela construída na socialização primária é a única possível. Essas reflexões e questionamentos são o que possibilitam os indivíduos a se estabilizarem socialmente, desvinculando-se de que há apenas “um mundo possível” e se encontrando dentro da sociedade.

É a escola crítica, a escola onde nenhuma verdade seja absoluta, onde as relações sociais possam ser questionadas e reformuladas, o que propiciará a formação de indivíduos conscientes de suas determinações sociais e de sua inserção histórica na sociedade; conseqüentemente, as suas práticas sociais poderão ser reformuladas (Lane, 2006, p. 50).

Estas perspectivas de socialização remetem a subjetividade como um "objeto construído pelo conhecimento e também como campo de experiências do sujeito." (Prado; Martins, 2007, p. 16). O subjetivo que era domínio apenas do sujeito, perpassa-se a compreensão de uma subjetividade relacionada aos intermédios sociais que os cercam e com os quais constituiu-se. Ou seja, a subjetividade é entendida como um processo onde o resultado é o sujeito e a construção se deu pelos acontecimentos sociais.

Portanto, Guattari (2000[1992]) enfatiza que pensar a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais é concebê-la como um sistema vivo e se abrir para entender o outro como um ser mutável, que não se encontra, necessariamente, preso a uma identidade fixa.

3 METODOLOGIA

3.1 PARTICIPANTES

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com intuito de abordar as concepções sociais de um grupo de participantes que vivenciaram a ausência da figura paterna durante sua vida.

Os sujeitos entrevistados foram 10 jovens, entre 18 e 27 anos, sem restrição de sexo, estado civil e escolarização, que vivenciaram a ausência paterna no seu desenvolvimento. O acesso a sujeitos que atendem os requisitos definidos na pesquisa se teve por meio de uma busca nas redes sociais, redes de conhecidos e outros meios avaliados como pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETAS DOS DADOS

A coleta de dados foi conduzida pela pesquisa exploratória com delineamento *ex post facto*, de caráter qualitativo, utilizando como instrumental a entrevista semiestruturada, “quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (Gil, p. 117, 2002) Com quatro perguntas pré- definidas, assim, pode-se identificar os pontos fortes e também suas fraquezas, o que possibilita, ao pesquisador, ter plena consciência da quantidade e qualidade das informações que podem ser coletadas com a sua utilização.

Meihs e Holanda (2010), definem que para obter informações de um estudo pode-se utilizar a entrevista por diferentes formas, oralmente ou por linguagem de sinais. Na qual permite que seja por canais de comunicação presencialmente ou a distância, via plataforma de reuniões e *whatsapp* como foi o caso da pesquisa em questão, já que os participantes não tiveram compatibilidade de horário com o pesquisador.

Todos os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que constavam os objetivos e procedimentos da pesquisa assim que foi realizada a entrevista. Todas as informações foram lidas e esclarecidas, somente após concordarem e assinarem os termos propostos, foram sucedidas às perguntas.

3.3 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DOS DADOS

As respostas dos indivíduos foram analisadas pela metodologia de análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011, p.15), é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico, que se aplicam a discursos de conteúdos e continentes extremamente diversificados. O processo da análise realizada foi o que Bardin (2016) aborda em seu livro, *Análise de Conteúdo*, divididos em três: A pré- análise, que se delimita na organização do material coletado; A descrição analítica dos dados, onde há a codificação, classificação e a categorização do conteúdo; E, por fim, a interpretação referencial, que se dá pela reflexão entre os resultados e o referencial estudado.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS

Pode-se garantir o direito ao sigilo, dignidade, liberdade e autonomia dos participantes, pois a presente pesquisa se baseou no código de ética da Psicologia, o que propõe os artigos 9º e 16º e na resolução nº 510/2016, na qual orienta as pesquisas em ciências humanas e sociais. Os participantes foram informados que poderiam desistir e retirar sua participação a qualquer momento do processo da pesquisa. Os mesmos tiveram acesso ao TCLE durante e após o processo, no qual há informações sobre os objetivos do estudo, direitos e benefícios da pesquisa, além do acesso ao pesquisador responsável para esclarecimento de dúvidas e resultados do estudo realizado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, serão abordadas quatro categorias para apresentação dos resultados e discussão dos dados. A primeira categoria, identificada como “Ausência do pai x quem sou”, discorre sobre a percepção dos participantes no que concerne em como o pai ausente influencia nos seus comportamentos e sentimentos. Em seguida, a segunda categoria, “Importância da presença da figura paterna”, trata-se dos momentos em que a figura de um pai fez e ainda faz falta na vida dos jovens. A terceira, “Influências da ausência paterna nas relações interpessoais”, desenvolve sobre como essa ausência influencia em suas relações amorosas, familiares e com os pares, por fim, a quarta categoria aborda sobre a importância de expressar suas vivências, intitulada como “A importância da fala”.

4.1 AUSÊNCIA DO PAI X QUEM SOU

Neste contexto, buscou-se dos entrevistados o entendimento dos mesmos sobre a relação da ausência do pai com o que são hoje. A maioria dos participantes do sexo feminino afirmou que a ausência paterna influencia em como se constituem nos seus relacionamentos amorosos, como pode ser observado a partir das seguintes expressões:

“Hoje em dia eu não consigo manter um relacionamento muito bom com meu pai, e isso acaba refletindo muito nos meus relacionamentos amorosos” (participante 6, mulher).

“Eu acho que o fato de eu não ter tido ele presente na minha vida faz com que eu queira ter uma figura masculina sempre. Por exemplo, essa questão de sempre namorar, eu acho que é um ponto” (participante 1, mulher).

Entretanto, apenas um participante do sexo masculino trouxe que, provavelmente, se relacionaria de uma forma diferente com as mulheres, como na seguinte expressão:

“Esse impacto pra mim hoje é uma procura, às vezes por um preenchimento, e também influencia muito nas relações que eu tenho de forma geral. Eu acho que se meu pai tivesse sido presente na minha vida, eu seria um homem completamente diferente, talvez eu me relacionasse com as mulheres de uma forma diferente, talvez eu me relacionasse comigo mesmo, talvez eu gostasse de coisas diferentes” (participante 8, homem).

Ao considerar na fala deste participante o que ele trouxe sobre o sentimento de ausência, outros três participantes trazem sentimentos correspondentes como culpa e insuficiência, exemplificada pela fala da participante:

“Parece que implicitamente você tem alguma culpa ali de que não foi bom o suficiente, legal o suficiente, importante o suficiente...”
(participante 7, mulher).

A informação de que a culpa seria um sentimento que estaria presente na ausência da figura paterna deve ser destacada. O que se aproxima do estudo de Ferrari (1999) quando discorre que a ausência paterna desencadeia sentimentos de vazio e culpa. O autor alega que esse vazio é desenvolvido pela percepção das crianças de não serem amadas pelo genitor que está ausente, o que gera uma desvalorização de si mesmas. Ainda, advém os sentimentos de culpa, onde a criança pensa ser a responsável por ser deixada.

Apesar de alguns se considerarem pessoas fechadas e acreditarem que seriam mais extrovertidos se tivessem a presença do pai, um participante disse que é extrovertido como a mãe. Ambos resultados, apesar de se contradizerem, tem a mesma justificativa dada por eles, há influência da mãe:

“Obviamente eu sou quem sou hoje porque não tive um pai porque eu tive só minha mãe como espelho e a minha mãe sempre foi uma pessoa muito séria e fria, não demonstrava muitas emoções e eu sou exatamente assim. Então, eu acho que talvez meu pai fosse mais alegre e mais extrovertido[...]eu poderia ter puxado mais pro lado dele se tivesse convivido junto” (participante 3, homem).

Outro ponto que surgiu nas entrevistas foi da responsabilidade, um participante afirmou não gostar de ter responsabilidades, ele diz:

“Hoje eu me vejo como uma pessoa que não gosta muito de ter responsabilidades, coisas grandiosas e tal” (participante 3, homem).

Isso pode ser entendido a partir do trabalho de Corneau (1991), o qual afirma que, em relação à tomada de iniciativas pessoais e decisões, as crianças se sentem mais seguras ao ter o pai presente.

Em contrapartida, ao discorrerem sobre suas histórias de vida, três participantes trazem que passaram a ter mais responsabilidades com a ausência do pai. Nesse sentido, Ribeiro (2014) salienta que, quando ocorre esse abandono da figura paterna para com a mãe, o ambiente familiar sofre uma alteração que desorganiza a constituição do sujeito e este requer um crescimento mais rápido. Essa temática pode ser observada na seguinte fala:

“[...] Eu preciso dessa figura masculina, sabe? [...] A minha mãe eu não peço ajuda pelo fato dela ser sozinha e eu achar que vai sobrecarregar ela.” (participante 1, mulher).

4.2 IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DA FIGURA PATERNA

Metade dos participantes relatou ter sentido a falta do pai na infância, mas dois afirmam não sentir mais:

“Fazia muita falta até os meus 12 anos [...] mas hoje em dia não mais,

hoje em dia é mais tranquilo” (participante 4, homem).

“Eu não tenho um momento específico que eu senti falta, mas eu acho que é de maneira mais geral porque é literalmente como se ele fosse um estranho” (participante 7, mulher).

Entretanto, mais da metade afirmou que sente até os dias atuais e três pessoas contam que sentiam em festas de escola e sentem em datas comemorativas, inclusive, foi expressado que:

“Ele nunca ‘tá’ lá por nenhum outro motivo, é porque ele realmente não quer” (participante 10, mulher).

Para Dias (2009), o direito das famílias é voltado para a consagração do afeto, onde a família precisa ser o ambiente amparador e de manutenção dos sentimentos. Além disso, Madaleno (2009) afirma que as relações movidas pelos sentimentos e pelo amor dão sentido e dignidade à existência. Portanto, seis pessoas falam sobre momentos em que precisam de apoio, auxílio, cuidado, afeto e direcionamento do pai, podendo ser observado nas seguintes falas:

“Como ele não foi presente na minha vida ele não fez o papel de pai dele, então teve muitas coisas que eu tive que aprender sozinha [...] O meu namorado é um homem que me ajuda a tomar decisões, decisões que eram pra minha família me ajudar, o meu pai” (participante 1, mulher).

“Eu sinto muita falta todos os dias... de um pai carinhoso, de um pai que pergunta sobre como foi o dia, um pai que me ajuda” (participante 9, homem).

Duas pessoas trazem que sentem falta quando brigam com a mãe e supõem que o pai pudesse ser um apoio, eles expressam que:

“Eu senti falta do meu pai quando eu perdi meu segundo filho e não tive o apoio da minha mãe” (participante 6, mulher).

“Minhas ideias não batem nenhum pouco com a da minha mãe, então vez ou outra me pego pensando se com um pai seria diferente, se seríamos parceiros um do outro” (participante 3, homem).

Sobre esse assunto, Trapp e Andrade (2017) mencionam que o transtorno de ansiedade pode ser resultado de sentimentos que se estenderam a outras áreas da vida de uma pessoa que se sente insegura e a quinta entrevistada especifica que desenvolveu bipolaridade, depressão e ansiedade após o abandono do pai biológico e que sente falta de um pai todos os dias, mesmo que não seja o seu pai, no processo de tratamento com o psiquiatra e psicólogo.

4.3 INFLUÊNCIAS DA AUSÊNCIA PATERNA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Mais da metade dos participantes afirmou que a ausência paterna influencia na relação familiar, ao passo que quatro participantes falaram sobre não quererem ser como o pai. Cinco destes afirmam ser afastados da família paterna, sendo que dois trazem que são afastados e não tem afeição pela família materna também, um destes diz:

“A minha família por parte de mãe eu não sou tão próxima e nem por

parte de pai” (participante 1, mulher).

Pratta e Santos (2007) realizaram pesquisa sobre a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros e ressaltam que o aumento de conflitos familiares tem a ver com a diminuição do convívio.

Além disso, a metade dos participantes relatou sobre a ausência da figura paterna influenciar na relação com a mãe, sendo que três participantes do sexo masculino trazem essa influência em forma de conflitos, como:

“Minha infância foi muito complicada pelos conflitos entre meus pais [...] outro fator disso resultante foi, talvez, um molde do relacionamento que eu tenho com a minha mãe até, hoje em dia eu tenho dificuldades no relacionamento com ela porque a minha infância inteira foi uma guerra” (participante 8, homem).

Ribeiro (2014) discorre que este conflito acontece devido à sobrecarga estabelecida para a mãe quando o pai se ausenta e isso dificulta a identificação da mãe com o filho. Portanto, duas pessoas do sexo feminino abordaram de forma a não sobrecarregar a mãe, uma delas traz que:

“Ela tem essa questão de [...] ter medo de eu sofrer com isso do meu pai” (participante 5, mulher).

Entretanto, três participantes afirmam que não há influência em suas relações com a família.

Sete pessoas relatam que a ausência do pai não influencia em suas relações com os amigos, sendo que três destes discorrem que o fato de terem o pai ausente em comum contribui com a relação, dizendo:

“A gente vai criando vínculos eu acho que mais fácil com pessoas que talvez não entender essa ausência paterna” (participante 8, homem).

“Se eu tivesse sido criado pelo meu pai, acho que [...] não seria tão fechado com minha família. Em questão de amizade, acho que me ajudou até deixar isso um pouco de lado [...] com meus amigos eu sou mais de boa porque eles são iguais a mim nessa questão de pai” (participante 2, homem).

Por conseguinte, Lane (2006) argumenta a socialização e o processo do viver em grupos do sujeito e que é neste processo de interação que ocorre o reconhecimento de semelhanças e diferenças desenvolvendo a construção do “eu” e da individualidade.

É possível observar que o sentimento de abandono gera comportamentos receosos de isolamento na vida dos jovens. Trapp e Andrade (2017) discorrem que a dificuldade em formar vínculos e manter relacionamentos seguros é devido ao abandono emocional que vivenciam. Visto que algumas pessoas afirmam que não conseguem manter ciclos de amizade por muito tempo, a décima participante relatou que às vezes perde boas relações e bons momentos porque tem medo de se machucar e de ser abandonada novamente:

“Martela na minha cabeça que não posso esperar alguém me abandonar, tenho que fazer isso primeiro” (participante 10, mulher).

Baquião e Campos (2023) abordam em seu estudo sobre as consequências do pai

ausente na infância e explicam que o abandono afetivo acontece quando a criança não recebe sustento emocional, refletindo a sentimentos de solidão, insegurança e vulnerabilidade. Cinco pessoas afirmam que a ausência paterna influencia em suas relações amorosas, sendo que três desses participantes são do sexo feminino e se relacionam com homens. Uma dessas participantes expressou como a ausência do pai sempre influenciou suas relações e que muitas vezes se sentia vulnerável, carente e exposta aos outros homens, ela diz:

“Eu queria salvar aquele relacionamento como se eu estivesse salvando a minha relação com meu pai [...] queria provar pra pessoa que eu merecia aquele afeto [...] queria agradecer e queria que eles me amassem a todo custo, mesmo eles não querendo me amar, que era o caso do meu pai” (participante 5, mulher).

A respeito do contexto onde as participantes do sexo feminino trazem essa dificuldade em seus relacionamentos com homens, Eizirik e Bergmann (2004 *apud* Lima, 2012) afirmam que filhas mulheres tendem a ter dificuldades de estabelecer relacionamentos amorosos saudáveis, além de desenvolverem sentimentos de menos-valia, baixa autoestima e insegurança, quando se tem a figura paterna como praticante de atos de negligência, omissão, ausência, autoritarismo, abuso ou outras formas de violência.

Três pessoas citam suas formas de lidar com o assunto, um participante do sexo masculino disse que passou a fazer piadas e duas participantes do sexo feminino relatam que tiveram comportamentos conflituosos com quem fazia piadas com o assunto, principalmente amigos. Ferrari (1999) evidencia que essas reações de tristeza, melancolia, agressividade e raiva são consequências da ausência paterna.

4.4 A IMPORTÂNCIA DA FALA

Todos os participantes já sentiram ou sentem a necessidade de conversar sobre a ausência do pai. Dentre esses, duas pessoas relatam que por um período da vida não queriam falar sobre o assunto, além disso, parte significativa dos participantes demonstrou que esse é um assunto que não está resolvido. Pode-se exemplificar pelas seguintes falas:

“Eu sempre senti necessidade de conversar sobre essas coisas, mas não é um assunto que eu gosto de tocar muito” (participante 1, mulher).

“Durante um bom tempo eu não queria tocar no nome, falar nada. Mas com o passar do tempo eu fui sentindo a necessidade de ser ‘resolvido’ ” (participante 2, homem).

“Durante minha vida inteira eu deixei isso de lado, só de uns meses pra cá que venho pensando mais no assunto [...] pretendo levar esse assunto pra terapia [...] pois certamente tem coisas em mim que é devido a eu ter crescido sem pai” (participante 3, homem).

Cinco participantes manifestam o desejo de resolver com o pai, tal como:

“Eu falo muito menos que eu deveria, a morte do meu pai até hoje flutua na minha mente, permanece como um sentimento, mas eu sempre senti que eu queria mais tempo para resolver as coisas com ele em vida” (participante 8, homem).

“Já tentei entender, tento entender até hoje [...] querendo ou não já aceitei isso, é algo que não depende de mim, entendeu? A minha parte como filho eu já fiz” (participante 9, homem).

Um participante realizou a conversa com o pai, ele afirma:

“Queria tirar um vazão, deixar de sentir essa angústia no peito” (participante 2, homem).

Porém para dois participantes não há mais essa possibilidade, já que seus pais faleceram. Além disso, dois demonstram não se importar mais, como pode ser observado pela seguinte expressão:

“Depois de um tempo foi uma coisa que não me incomodou mais [...] todas as pendências e as coisas que eu tinha pra resolver sobre isso, eu resolvi nesses anos que eu tive acompanhamento com a psicóloga” (participante 4, homem).

A psicanálise em seus estudos possibilita a determinação da importância da fala, pois por meio desta, o sujeito tem a oportunidade de identificar e compreender seus sintomas através das experiências que ficam recalçadas. Alguns participantes relatam que conversam com o cônjuge ou com os amigos e mais da metade dos jovens que participaram da pesquisa já buscaram ajuda profissional, estes citaram que fizeram ou fazem acompanhamento psicológico e abordou o assunto nas sessões, tal como:

“Às vezes essa necessidade de compartilhar experiências, seja uma forma de elaborar [...] eu sempre pensei em falar disso, expressar essa inconformidade em relação a esse abandono, a esse afastamento [...] falar com os outros faz uma diferença muito grande. Até falar aqui faz diferença pra mim, é um espaço” (participante 8, homem).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, é perceptível a importância dos pais durante o desenvolvimento dos filhos no contexto psicológico, social e emocional, bem como a psicologia visualiza essas funções e relações. Devido ao grande número estatístico de pais ausentes, a pesquisa consente que essa função, quando não exercida por outrem, causa danos à saúde mental.

A respeito dos impactos da ausência paterna na constituição dos jovens enquanto sujeito, enfatiza-se as relações interpessoais, onde esses jovens encontram dificuldades em se relacionar socialmente e amorosamente, além das dificuldades em expressar sentimentos e encarar situações que requerem maiores responsabilidades. Percebe-se sentimentos negativos de autoimagem como, baixa autoestima, insegurança, impotência, sobrecarga e insuficiência.

Outra consequência, que corresponde aos danos psicológicos que surgiram na pesquisa, são depressão, ansiedade, culpa e trauma, nas quais evidencia-se pelas análises que há relação direta ou indiretamente com o abandono paternal.

Observa-se a relevância da fala e um dos questionamentos se direcionaram a essa prática, onde todos, além de praticarem, trazem levantamentos positivos, o que sugere a importância da mesma e do acolhimento quando se é expressado vivências

desconfortáveis. É importante que haja pesquisas relacionadas ao assunto, já que há muito a ser estudado e acrescentado no âmbito acadêmico e, principalmente, psicológico, visto que o tema tem sido cada vez mais demandante.

REFERÊNCIAS

ABANDONO paterno é a regra no Brasil. Gov.BR, 2022. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/tvufma/noticias/abandono-paterno-e-a-regra-no-brasil>. Acesso em: 28 de março de 2023.

BAQUIÃO, L. A. e CAMPOS, B. A. G. **Abandono afetivo paterno**: As consequências do pai ausente na infância. Registro-SP, Centro Universitário do Vale do Ribeira, maio/2023.

BARBIERI, V.; SANTOS, G. A. G.; SANTOS M. A. O pai e a função paterna na teoria winnicottiana. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v. 73, n. 3, p. 112-128, 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto. 1º edição de 2016. Augusto Pinheiro, São Paulo: Edições 70, 2016.

CORNEAU, G. **Pai ausente filho carente**. 2º ed. Trad. Jahn L. São Paulo: Brasiliense, jan/1989.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias**. 5º ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987[1968].

FERRARI J. L. **Por que es importante el padre?**. Mendoza: Ediciones del Canto Rodado. p. 91-117, 1999.

FIGUEIREDO, L. C. M. A invenção do psicológico: Quatro séculos de subjetivação (1500-1900). **Linhas de fuga**. 2ª ed. São Paulo, SP: Escuta, 1994.

FILHO, K. P. e MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis-SC, v. 19 (3), p. 14-19, julho/2007.

FREIRE, Marcius. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância** (1910). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. 11, 1970.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético (1992). Tradução A. L. de Oliveira e L. C. Leão. São Paulo: 34, 2000.

LIMA, Antonio P. P. Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da Psicologia Analítica. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 29, p. 821s-830s, out./dez. 2012.

MADALENO, Rolf. **Curso de Direito de Família**. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

MARIN, A. e PICCININI, C. A. Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, pp. 422-429, out./dez. 2009.

MEIHY, J. C. S. B. e HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

PAIS Ausentes. Portal da Transparência. Disponível em:
<https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes>. Acesso em: 12 de junho de 2023.\

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

PRATTA, E. e SANTOS, M. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007.

RIBEIRO, M. J. Considerações sobre o desenvolvimento excessivo da inteligência na criança e o papel do pai na dependência relativa. **Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 107-126, dez. 2013.

SILVA, M. B. e STAMATO, M. I. C. **Importância da figura paterna no Desenvolvimento infantil**: uma visão dos pais. *Leopoldianum*, Santos-SP, Universidade Católica de Santos, v. 42, n. 116-117-118, p. 149-165, 2016.

TRAPP, E.H. e ANDRADE, R. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 2, n.1, p. 45-53, jun./dez. 2017.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. Tradução: Paulo Sandler. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 183-195, 1999.